



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **LATERALIDADE DO CANDOMBLÉ NAGÔ: INSURGÊNCIAS DE UMA COSMOVISÃO AFRICANA**

Adauto Viana de Brito  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [adautovbrito@hotmail.com](mailto:adautovbrito@hotmail.com)

Itamar Pereira de Aguiar  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [itamarpaguiar@hotmail.com](mailto:itamarpaguiar@hotmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

A nossa pesquisa trata, a partir do conceito de “lateralidade”, da organização ritual e litúrgica de alguns terreiros de candomblé em Salvador, onde está implícita a ideia de lateralidade, quais sejam: o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e o Axeloíá. O trabalho objetiva estudar o fato de que nos ritos do candomblé de Nação Nagô está evidente a organização do cosmos religioso por sua divisão em lados direito/esquerdo, e pela oposição complementar acima/embaixo. É a partir dessa organização que se distribuem cargos, fazem-se jogos divinatórios, posicionam-se os praticantes dos rituais para empreender determinados ritos. Assim, a partir de elementos de cultura africana, estabeleceram-se relações entre grupos étnicos que produziram cosmogonias afro-brasileiras e determinados ritos, como o jogo de obi e o padê. Investigamos, nessas casas, as práticas de organização e distribuição de cargos, levando em conta a sobreposição e localização espacial.

Ao observar alguns rituais, inquietou-me, em particular, o jogo do Obi, quando então se abre o fruto do obieiro pela fenda natural que nele há, ao tempo em que se faz um corte no fruto dividindo-o em quatro partes iguais. O oficiante do jogo apanha duas partes na mão esquerda e outras duas na mão direita, e invoca, em seguida, os irummalés: os que se posicionam do lado direito, e, depois, os que ocupam o lado esquerdo, convidando-os a formar um só corpo para se dê o processo divinatório.

Nesse sentido, as lateralidades são evidenciadas e observadas pelo pesquisador, que precisa, no entanto, empreender a produção de entrevistas e outros instrumentos para



obter as informações que esclareçam o sentido profundo desse jogo e outras práticas religiosas correlatas.

O candomblé nagô, cujos fundamentos rituais derivam, sobretudo, de práticas religiosas de africanos de língua Iorubana, tem sido objeto de pesquisa desde o século XIX, sendo que, dentre os estudos realizados, sobressaem os escritos pioneiros de Edson Carneiro (2008), na obra *Candomblés da Bahia*, considerado *arché* dos estudos etnográficos sobre as religiões de matriz afro brasileira. Apesar do numeroso contingente de estudiosos que hoje em dia se dedica à pesquisa do candomblé na Bahia, de que há expressivos resultados tanto na forma de monografia, quanto em coletâneas de artigos, não há estudos sobre o valor antropológico da noção de “lateralidade” no candomblé de matriz nagô, que leve em consideração às ideias “lado direito” e “lado esquerdo”, fundamentais para organizar as relações de autoridade, precedência, complementaridade, equilíbrio e de totalidade ou inteireza.

Em seu livro *O Candomblé da Bahia*, Roger Bastide, ao discorrer sobre o que designa como “a estrutura do mundo”, se refere ao mito da cabaça aberta ao meio, de que há uma metade de cima e outra metade de baixo, representativas do céu e da terra. Essas duas metades simétricas têm um evidente caráter topológico, que permite compreender de fato uma certa organização do mundo. Como afirma Bastide (2001), todo orixá está ligado às categorias “espaço” e “tempo”; são deles também os dias votivos da semana, as florestas, os rios e mares; os animais, as plantas, fenômenos meteorológicos, cores e comidas, dentre outros.

Mas nessa complexa ordem das coisas, surge o seguinte problema que norteia a nossa pesquisa: como são organizadas as lateralidades esquerda/direita, a partir das etnicidades dos terreiros de candomblé: Ilê Axé Iyá Nassô Oká e Axeloiá? Bastide (2001), diz que a horizontalidade da ordem do mundo expressa pelas partes da cabaça institui o alto e o baixo, mas o que esta cisão instauraria e significaria? São justamente a esses problemas que procuraremos responder com o conceito de “lateralidade”.

## **METODOLOGIA**

Através da investigação etnográfica o pesquisador interagirá com o sujeito no campo, através da observação participante; assim, é exigido do pesquisador sensibilidade,



pois, muitas vezes, o conhecimento etnográfico interfere nos resultados de pesquisa, já que muito do que se observa de forma superficial muda de sentido após ser objeto de acurada descrição e interpretação, como afirma Minayo (2006).

Tanto o diário de campo, quanto a entrevista semi-estruturada e as histórias de vida são técnicas que permitem, de maneira eficaz, capturar as informações necessárias à pesquisa, e estas implicam transcrições, constituindo-se, desse modo, um arquivo propriamente “textual”; a coleta dos dados no campo, delimitado pela teoria interpretativa, conseqüente, da “Descrição Densa”, Geertz (2014), ou valores opinativos tidos como verdadeiros, fundamentais em qualquer processo hermenêutico, e que, através da pesquisa etnográfica, podemos reconstruir as maneiras como as formas simbólicas são compreendidas nos vários contextos da vida social. Assim sendo:

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo, pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. (CLIFFORD, 1998, p. 43).

O candomblé é permeado de regras próprias e *awos*. Para o pesquisador ter acesso a esse mundo mágico de estrutura organizada por hierarquia e obter as informações que lhe são precisas, faz-se necessário vivenciar ou pertencer ao mundo dos sujeitos pesquisados. Para investigar como as etnicidades implicam a organização das lateralidades no candomblé nagô, a abordagem dessa pesquisa será qualitativa e, a etnografia, o método mais adequado.

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa Etnicidade, Memória e Educação do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, com enfoque interdisciplinar, e vem sendo desenvolvido nas seguintes etapas: levantamento das narrativas cosmogônico/demiúrgicas; observação das práticas rituais; registros gráfico e sonoro; entrevistas com autoridades que ocupam cargos que indicam a lateralidade e que demandam descrição, análise e interpretação, visando alcançar o entendimento que os adeptos das comunidades-terreiros expressam da relação complementar, lados “direito/esquerdo”, sobretudo quando da distribuição de cargos; ora um ocupa cargo



central, outro, o do lado “direito”, e, mais um, com função similar, correspondente ao lado “esquerdo”, o que exige detalhar as funções de cada lateralidade.

## RESULTADOS E CONCLUSÃO

Portanto, para a completude da dissertação, pretendemos elaborar mais dois ou três capítulos, que deverão versar sobre memória, grupo étnico, relações e fronteiras étnicas, o papel de Exu na ordem da casa de santo, bem como dos ritos a ele relacionados e das concepções de *otum*, *ossi*, de cima e de baixo, dentre outras questões decorrentes destes fenômenos já observados nas referidas casas de santo, onde está evidente a organização em lados direito e esquerdo, assim como encima e embaixo, pois na organização está implícita as ordens de espacialidade, quais sejam: no arrumar do barracão ao dispor homens para o lado direito e mulheres para o lado esquerdo. Nessa mesma distribuição, ao executar o ritual do padê: além dos homens e mulheres já distribuídos no barracão, os elementos a serem utilizados evidenciam, também, a mesma ordem, acrescentando, agora, mais elementos para compor o encima e o embaixo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terreiros de Nação Nagô; Lateralidade; Organização; Cultura; Relações Étnicas

## REFERÊNCIAS:

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRAGA, Júlio Santana. *Na gamela do feitiço: representação e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

CARNEIRO, Edson. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, organização José Reginaldo Santos Gonçalves. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2008.

CROWTHER, Samuel. Ajayi. *Vocabulary of the Yoruba Language*. London: 1843.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: Estudos sobre a Casa da Mina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luiz: FAPEMA, 1995.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnico Científicos, 1989.

GOMES, Fábio Andrade. *Política de Acautelamento do IPHAN: Ilê Axé Iyá Nassô Oka: Terreiro da Casa Branca*. Salvador: Bahia, IPHAN, 2015.

HALBWACHS, Maurice: *A Memória Coletiva*: 10ª Ed. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia*. Salvador: Corrupio, 2003

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A Religião dos Orixás, Voduns e Inquices: Uma Bibliografia em Progresso*. In: - *As Senhoras do Pássaro da Noite*. São Paulo: Axis Mundi/Edusp, 1994, p. 213-244.

PARÉS, Luís Nicolau. *A Formação do Candomblé*. História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

POLACK, Michel. *Memória e identidade social In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol5, nº10, 1992.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª Ed. Rio de Janeiro-RJ: 2007.

SODRÉ, Muniz: *A Verdade Seduzida*, 3ª Ed. Rio de Janeiro - RJ: DP&A, 2005.

TOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo: comércio entre a Bahia de Todos os Santos e o Golfo do Benim*. São Paulo: Corrupio, 1997.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**